

**POR CONTA PRÓPRIA: TRADUÇÃO COMENTADA DO CONTO
“ON YOUR OWN”, DE F. SCOTT FITZGERALD**

*Fernanda Nunes Menegotto¹
Valéria Silveira Brisolará²*

Resumo: Este artigo apresenta uma tradução comentada de “On your own”, conto de F. Scott Fitzgerald escrito em 1931, mas publicado apenas postumamente, em 1979. São exploradas algumas das maiores dificuldades surgidas durante o trabalho e também justificadas as escolhas que foram feitas. As questões trabalhadas lidam tanto com vocabulário quanto com a estrutura das frases.

Palavras-chave: tradução; tradução literária; literatura norte-americana; F. Scott Fitzgerald; conto.

Abstract: This paper presents an annotated translation of “On your own”, a short story written by F. Scott Fitzgerald in 1931 which was only published posthumously, in 1979. We examine some of the major difficulties encountered during the translation process and also justify the choices that were made. The issues discussed deal both with vocabulary and with the structure of the sentences.

Keywords: translation; literary translation; North American literature; F. Scott Fitzgerald; short story.

Em 1979, um dos maiores estudiosos de F. Scott Fitzgerald, Matthew J. Bruccoli, publicou os contos do autor que nunca tinham sido reunidos em uma coletânea em um volume chamado *The Price Was High*. Dentre as cinquenta histórias contidas no livro, estava “On Your Own” – um conto de 1931 que nunca havia sido publicado. Sarah Churchwell, na introdução da coletânea de contos do autor editada por ela, *Forgotten Fitzgerald*, explica que, na década de trinta, Fitzgerald viu seus contos serem rejeitados pelas mesmas revistas que tinham feito dele uma celebridade pela primeira vez em sua carreira, cada vez mais decadente.

O título “On Your Own” foi, na verdade, atribuído postumamente ao conto, ao qual Fitzgerald dera o nome de “Home to Maryland”. Escrito em 1931, foi rejeitado por sete revistas diferentes. À época do lançamento de *The Price Was High*, Malcolm Cowley resenhou-o no *The New York Times*, avaliando “On Your Own” como uma “história organizada de modo desajeitado, mas interessante”. A resenha também cita o próprio Fitzgerald, ao dizer que, ainda que existissem outros manuscritos, aquele conto era o único que possuía “o extra que [ele] tinha”.

O conto é protagonizado por Evelyn Lovejoy, uma atriz de teatro que volta à América para enterrar o pai depois de uma longa temporada na Europa. Durante a viagem, no barco, ela conhece George Ives, um homem sulista afluente que imediatamente a atrai, mas cujo comportamento por vezes também a repele – nesses momentos, ela diz que ele é “americano demais”. Evelyn é, como muitas das personagens femininas de Fitzgerald, uma garota moderna e despreocupada com as convenções sociais, desafiando quem considere sua ocupação inferior ou seus esforços como indignos. Ao mesmo tempo, ela precisa encarar o

1 Aluna do Bacharelado em Letras da UFRGS. Tradução realizada durante o Estágio supervisionado de tradução do inglês I.

2 Tradutora. Doutora em Letras. Professora da disciplina de Estágio supervisionado de tradução do inglês I.

fato de estar, pela primeira vez, levando a vida por conta própria, e o tom é bastante melancólico quando a história lida com seus sentimentos em relação à morte do pai. “Em sua melhor forma, Fitzgerald equilibrava suas tentativas de criar pungência com uma análise perspicaz a respeito do preço das ilusões românticas, com um reconhecimento da desilusão que precisa chegar para que não se permaneça preso à adolescência”, diz Churchwell sobre o autor (2014, p. 18, tradução nossa), e tal desilusão está presente também na trajetória de amadurecimento de Evelyn.

Com o conto rejeitado inúmeras vezes, Fitzgerald acabou reutilizando algumas das passagens em outras de suas obras. Dois dos trechos em que Evelyn visita o túmulo do pai foram utilizados em *Suave é a Noite*, romance publicado em 1934. Compare-se os trechos:

(...) then it was over and the country doctor lay among a hundred Lovejoys and Dorseys and Crawshaws. It was very friendly leaving him there with all his relations around him. (“On Your Own”/“Home to Maryland”. 2014, p. 30)

The flowers scattered on the brown unsettled earth. She had no more ties here now and she did not know whether she would come back any more. She knelt down. All these dead, she knew them all, their weather-beaten faces with hard blue flashing eyes, their spare violent bodies, their souls made of new earth in the long forest-heavy darkness of the seventeenth century. (2014, p. 30)

Next day at the churchyard his father was laid among a hundred Divers, Dorseys, and Hunters. It was very friendly leaving him there with all his relations around him. Flowers were scattered on the brown unsettled earth. Dick had no more ties here now and did not believe he would come back. He knelt on the hard soil. These dead, he knew them all, their weather-beaten faces with blue flashing eyes, the spare violent bodies, the souls made of new earth in the forest-heavy darkness of the seventeenth century. (*Tender is the Night*. 2006, p. 265).

Ele também reutilizou um trecho em que descreve a chegada à cidade de Nova York, que surge estrondosa, cheia de luzes brancas, “suspensa pelas estrelas”, em um de seus ensaios, “My Lost City”, de 1932:

Still later they were together when the city burst thunderously upon them in the early dusk—the high white range of lower New York swooping down like a strand of a bridge, rising again into uptown New York, hallowed with diadems of foamy light, suspended from the stars.” (“On Your Own”/“Home to Maryland”. 2014, p. 29)

As the ship glided up the river, the city burst thunderously upon us in the early dusk – the white glacier of lower New York swooping down like a strand of a bridge to rise into uptown New York, a miracle of foamy light suspended by the stars.” (“My Lost City”. 2003, p. 30)

Essa passagem também foi uma das mais difíceis na tradução. O trecho constrói a imagem da cidade comparando-a a uma ponte, muito semelhante a uma ponte pênsil como a própria ponte do Brooklyn, famoso cartão-postal da cidade: “a alta extensão branca da parte de baixo de Nova York mergulhando como um cabo de uma ponte e novamente ascendendo para transformar-se na parte alta da cidade (...)”. Para manter a imagem, a tradução exigiu uma estrutura significativamente mais longa: lower e uptown New York precisaram ser transformadas na parte baixa e na parte alta da cidade, “rising into” virou “ascendendo para transformar-se na”. A melhor compreensão desse trecho foi em muito beneficiada por um trabalho de pesquisa na internet, pois a facilidade de acesso ao mapa de Nova York e a simulação de uma chegada de barco à cidade de na época, permitiu que o provável trajeto do navio fosse melhor visualizado.

Algo semelhante aconteceu com um parágrafo anterior, em que o barco passa por Coney Island, ao sul do Brooklyn: “Dois dias depois, ela estava com George Ives no convés quando os andaimes solitários de Coney Island passaram por eles”. No original, temos “the

gaunt scaffolding of Coney Island”, e nos perguntamos o que seriam os tais andaimes a que Fitzgerald se referia (e seriam mesmo andaimes?). Coney Island é famosa por seus parques de diversões desde o começo do século XX, e as fotografias de seu litoral (inclusive as da época do conto, ou mais antigas) permitem ver as estruturas, semelhantes a andaimes, de diversos brinquedos: as montanhas-russas, as rodas-gigantes...

Outra dificuldade que a tradução desse conto apresentou foi o uso de um grande número de termos náuticos, uma vez que quase toda a primeira metade da história se passa dentro de um barco. É o caso de palavras como “deck”, “promenade deck”, “bulwark”, “bow”, “rail”, entre outras. Diversos glossários (bilíngues e monolíngues) de termos náuticos tiveram de ser consultados, pois mesmo em português esses termos fazem parte de uma linguagem bastante específica, especialmente hoje, tempo em que pouco se viaja em navios, diferente dos personagens do conto. O glossário oferecido no site da Sociedade Brasileira de Engenharia Naval foi de grande ajuda.

Fitzgerald também usa, ao longo do conto, dois termos referentes ao sapateado, uma das muitas habilidades de sua protagonista, que descreve sua ocupação nas seguintes palavras: “Não sou realmente muito boa em nada – eu canto um pouco, danço um pouco, faço algumas palhaçadas, e assim os ingleses pensam que estão saindo no lucro”. Um dos termos, cuja solução foi mais fácil, é o estilo de sapateado *soft-shoe*, que é dançado com sapatos de sola macia, usado em “an hour of new soft-shoe stuff with Joe Crusoe”. Esse estilo da dança não possui um equivalente direto na língua portuguesa, e, com o intuito de não atrapalhar demais a fluidez de uma frase já longa, foi traduzido simplesmente como “uma hora aprendendo passos novos de sapateado com Joe Crusoe”.

O outro uso foi provavelmente a tradução mais trabalhosa de todo o texto, a começar pela sua compreensão: “Evelyn led the way, pirouetting once and again on the moist deck, then breaking into an “Off to Buffalo” against a sudden breath of wet wind.” Ao pesquisar “Off to Buffalo” na internet, a grande maioria dos resultados era para “Shuffle Off to Buffalo”, uma canção do musical *Rua 42*. Isso parecia fazer sentido junto a “break into”, que é bastante utilizado em “break into song”, no sentido de “começar a cantar de repente”. Porém, havia dois problemas: primeiro, se aquele fosse o significado, o nome da música estaria grafado errado e, segundo, o musical era de 1933 (dois anos depois de o conto ser escrito, portanto). Foi só depois de muita pesquisa, excluindo a palavra “shuffle” dos resultados, que foi possível descobrir que “Off to Buffalo” (*também* conhecido como “Shuffle Off to Buffalo”) é o nome de um passo de sapateado. Pudemos encontrar, através do próprio Google, o uso do termo em dois livros sobre dança: *The Devil Made Me Do It*, de Georgina Spelvin, e *Tap Dancing in America: A Cultural History*, de Constance Valis Hill. Assim, a solução adotada foi simplesmente “e então começou a sapatear no estilo ‘Off to Buffalo’”.

Os parágrafos anteriores buscam expressar alguns dos desafios que a tradução deste conto de Fitzgerald apresentou. Mas a tradução também exigiu um cuidado constante na busca por manter o tom de sua linguagem, cheia de imagens, por vezes melancólica e por vezes cômica. A tradução que vem a seguir representa uma tentativa.

POR CONTA PRÓPRIA

F. Scott Fitzgerald

Na terceira vez que ele caminhou pelo convés, Evelyn o fitou. Ela estava apoiada contra a amurada e, quando ouviu seus passos mais uma vez, virou-se sem disfarçar e sustentou seu olhar por um instante até que ele o desviasse, daquela maneira que uma mulher pode fazer quando tem a proteção da companhia de outros homens. Barlotto, jogando pingue-pongue com Eddie O'Sullivan, percebeu o encontro. "Aha!" disse ele quando o caminhante ainda conseguia escutá-los, e quando o *rally* estava terminado: "Quer dizer que você ainda está interessada mesmo que ele não seja o Príncipe Alemão".

"Como você sabe que ele não é o Príncipe Alemão?" questionou Evelyn.

"Porque o Príncipe Alemão é o homem com cara de cavalo e olhos brancos. Este" – ele retirou a lista de passageiros do bolso – "ou é o senhor George Ives, ou o senhor Jubal Early Robbins e o criado, ou o senhor Joseph Widdle com a senhora Widdle e seis filhos".

Era um barco alemão de porte médio, viajando há cinco dias em direção ao oeste a partir de Cherbourg. O mês era fevereiro, o mar era de um cinza desbotado e estava tomado pela chuva. Uma lona abrigava todas as partes descobertas do convés de passeio, até mesmo a mesa de pingue-pongue estava molhada.

Poc Poc Poc Poc. Barlotto parecia-se com Valentino – desde que ele havia se assanhado no número de rumba, ela não gostava de contracenar com ele. Mas Eddie O'Sullivan fora um de seus melhores amigos na companhia.

Subconscientemente ela esperava que o caminhante solitário contornasse o convés de novo, mas ele não veio. Ela voltou-se para olhar para o mar através das janelas de vidro; imediatamente sua garganta se fechou e ela se segurou junto da amurada de madeira para evitar que seus ombros tremessem. Os pensamentos ressoavam em voz alta em seus ouvidos: "Meu pai está morto – quando eu era pequena, caminhávamos até a cidade nas manhãs de domingo, eu com meu vestido engomado, e ele comprava o jornal de Washington e um charuto e tinha tanto orgulho da sua linda garotinha. Ele sempre teve tanto orgulho de mim – veio a Nova York para me ver quando estreei com os Irmãos Marx e contou para todo mundo no hotel que era meu pai, até para os garotos do elevador. Fico feliz que tenha feito isso, que lhe deu tanto prazer, talvez tenha sido o melhor momento que viveu desde a juventude. Ele gostaria de saber que estou voltando de Londres".

"Game e set", disse Eddie.

Ela se virou. "Vamos descer e acordar os Barney para jogar um pouco de bridge?" sugeriu Barlotto.

Evelyn foi à frente, de vez em quando fazendo uma pirueta no convés molhado, e então começou a sapatear no estilo "Off to Buffalo" contra um repentino sopro de vento úmido. Ela escorregou e caiu da escada porta adentro, salvou-se com um arriscado movimento do braço – e foi levada de encontro ao caminhante solitário. Sua boca abriu-se de maneira cômica – ela hesitou por um instante. O homem pediu perdão numa voz inconfundivelmente sulista. Os olhos deles se encontraram novamente quando os três seguiram seu caminho.

O homem encontrou Eddie O'Sullivan na sala de fumantes na tarde seguinte.

"Vocês não são o elenco londrino de *Chronic Affection*?"

"Nós éramos até três dias atrás. Íamos continuar por mais duas semanas, mas a senhorita Lovejoy foi chamada na América, então encerramos".

"O elenco inteiro está a bordo?" A curiosidade do homem era inofensiva, era um interesse verdadeiramente amigável combinado a uma deferência educada ao romantismo do teatro. Eddie O'Sullivan gostou dele.

“Claro, sente-se. Não, só Barlotto, o ator juvenil, e a senhorita Lovejoy, e Charles Barney, o produtor, e sua esposa. Nós viemos embora depois de vinte e quatro horas – os outros virão no *Homeric*.”

“Eu sem dúvida gostei de assistir ao espetáculo. Estava numa viagem ao redor do mundo e cheguei a Londres há duas semanas pronto para ver alguma coisa americana – e vocês a tinham.”

Uma hora depois, Evelyn espiou pelo canto da porta da sala de fumantes e os encontrou por lá.

“Por que estão se escondendo de nós?” ela indagou. “Quem é que vai rir de mim? Aquele bando de trapaceiros lá embaixo?”

Eddie apresentou o senhor George Ives. Evelyn viu um homem bonito e atlético de trinta anos de idade, com um rosto seguro e irrequieto. Nos cantos dos olhos, dois pares de rugas finas indicavam uma vontade de encarar o mundo à sua própria maneira. George Ives, por sua vez, viu uma garota de vinte e seis anos bem pequena e de cabelos escuros, esbanjando uma vitalidade que poderia ser descrita apenas como “profissional”. O que quer dizer que não era amadora – ela nunca seria completamente esgotada em uma única pessoa ou grupo. Em alguns momentos essa vitalidade a possuía tão completamente, transformando cada nuance de sua expressão, cada gesto casual, em algo tão significativo que ela parecia não ter uma identidade própria. Sua boca era feita da intersecção de duas pequenas cerejas repartindo-se em um sorriso luminoso; ela tinha enormes olhos castanho-escuros. Não era bonita, mas levava cerca de dez segundos para persuadir alguém de que era. Seu corpo era encantador, com pequenos músculos de ferro escondidos. Naquela ocasião, ela vestia preto, e estava arrumada demais – ela estava sempre muito chique e um pouco arrumada demais.

“Estive admirando você desde que se jogou contra mim na tarde de ontem” disse ele.

“Eu tinha de obriga-lo a fazer isso de um jeito ou de outro, não tinha? O que é que uma garota vai fazer sozinha em um barco – pescar?”

Eles sentaram.

“Esteve em Londres por muito tempo?” George perguntou.

“Cerca de cinco anos – sou mais conhecida por lá.” Nos momentos de seriedade, a voz dela apresentava um leve vestígio de um sotaque britânico. “Não sou realmente muito boa em nada – eu canto um pouco, danço um pouco, faço algumas palhaçadas, e assim os ingleses pensam que estão saindo no lucro. Em Nova York eles querem especialistas.”

Era evidente que ela preferiria ter uma popularidade equivalente em Nova York.

Barney, a senhora Barney e Barlotto entraram no bar.

“Aha!” gritou Barlotto quando George Ives foi apresentado. “Ela se recusa a acreditar que ele não é o Príncipe”. Ele pôs a mão no joelho de George. “A senhorita Lovejoy estava procurando pelo Príncipe no primeiro dia, quando ouviu dizer que ele estava a bordo. Dissemos a ela que era você”.

Evelyn estava cansada de Barlotto, de todos eles, com exceção de Eddie O’Sullivan, mas era diplomática demais para deixar isso transparecer enquanto estavam trabalhando juntos. Ela olhou ao redor. Com exceção de dois padres russos jogando xadrez, seu grupo estava sozinho na sala de fumantes – havia apenas trinta passageiros de primeira classe, e acomodações para duzentos. Ela se perguntou mais uma vez para que tipo de América estava voltando. Subitamente a sala a deprimiu – era grande demais, vazia demais para ser preenchida, e, em resposta a isso, sentiu a necessidade de criar alegria e entusiasmo à sua volta.

“Vamos descer para a sala da minha cabine” ela sugeriu, derramando todo seu entusiasmo na voz, fazendo uma promessa espontânea e empolgante para eles. “Podemos pôr

o fonógrafo para tocar e mandar chamar o doutor bonito e o chefe de máquinas e incluí-los num jogo de *stud poker*. Eu serei o chamariz”.

Quando desciam para o andar de baixo, ela sabia que estava fazendo isso por causa do homem novo. Ela queria se apresentar para ele, mostrar o quão agradável podia ser sua companhia. Com o fonógrafo ressoando as lamúrias de “You’re driving me crazy”, ela começou a construir uma lenda. Ela era a companheira de um criminoso, e a viagem era uma armação para pôr o senhor Ives nas mãos da máfia. Sua performance em voz rouca movia-se de lá para cá, de um para outro; dois oficiais do navio que passavam foram arrebatados por ela e, mesmo sem saber muito inglês, compreenderam a verve e a mágica de sua performance improvisada. Ela era Anne Pennington, Helen Morgan, o garçom afeminado que chegou para anotar um pedido, ela era todos eles, um de cada vez, e tudo isso sem sair do ritmo da música incessante.

Mais tarde, George Ives convidou todos para jantarem com ele no restaurante do convés superior naquela noite. Quando o grupo se separou e os olhos de Evelyn buscaram a aprovação dele, George pediu a ela que caminhasse com ele antes do jantar.

O convés ainda estava úmido, coberto contra as persistentes rajadas de chuva. As luzes eram de um amarelo lúgubre e escuro e toalhas de praia eram reviradas desordenadamente em espreguiçadeiras vazias.

“Você foi um deleite” ele disse. “Você é como... o Mickey Mouse”.

Ela pegou seu braço e dobrou-se sobre ele de tanto rir.

“Gosto de ser o Mickey Mouse. Veja – era lá que eu parava e o fitava cada vez que você passava. Por que não voltou uma quarta vez?”

“Fiquei envergonhado e subi até o convés dos botes”.

Quando eles davam a volta na proa, houve uma grande abertura de portas e uma inundação de pessoas que correram para a amurada.

“Deve ter sido um jantar ruim” disse Evelyn. “Não – veja!”

Era o *Europa* – uma ilha de luz em movimento. Ficava maior a cada minuto, transformando-se em uma terra de fadas harmoniosa, com música vinda do convés e holofotes movimentando-se ao longo da sua extensão. Através de binóculos eles conseguiam discernir vultos alinhados na amurada, e Evelyn inventou uma longa história sobre um homem que passava as próprias calças em um camarote. Encantados, eles assistiram à velocidade incomparável do navio.

“Oh, papai, compre para mim!” exclamou Evelyn, e de súbito algo se quebrou dentro dela – a visão da beleza e a reação à sua agitação a sufocaram, e ela pensou vividamente no pai. Sem dizer uma palavra, foi para dentro.

Dois dias depois, ela estava com George Ives no convés quando os andaimes solitários de Coney Island passaram por eles.

“O que é que Barlotto estava dizendo a você agora há pouco?” ela questionou.

George riu.

“Ele estava dizendo quase a mesma coisa que Barney disse esta tarde, só que mais empolgado”.

Ela resmungou.

“Ele disse que você brinca com todos – e que eu era um tolo se pensava que esse flerte banal tinha algum significado – todos já foram apaixonados por você, e nunca passou disso”.

“Ele não estava apaixonado por mim” ela protestou. “Ele se assanhou uma vez quando dançamos juntos e eu o repreendi”.

“Barney também estava inquieto – disse que se sentia como um pai para você”.

“Eles me deixam cansada” ela exclamou. “Agora acham que estão apaixonados por mim apenas porque –”

“Porque eles veem que eu estou”.

“Porque eles acham que estou interessada em você. Nenhum deles estava ansioso assim dois dias atrás. Enquanto eu os faço rir está tudo bem, mas no minuto em que tenho um impulso próprio eles se alvoroçam todos e acreditam que estão sendo muito protetores. Suponho que Eddie O’Sullivan será o próximo”.

“Foi minha culpa por contar a eles que nós descobrimos que moramos a apenas alguns quilômetros de distância um do outro em Maryland”.

“Não, é porque eu sou a única garota de aparência decente numa viagem de oito dias, e os meninos estão começando a brigar entre si. Quando chegarem a Nova York, esquecerão que estou viva”.

Ainda estavam juntos quando a cidade irrompeu sobre eles com um estrondo no começo do anoitecer – a alta extensão branca da parte de baixo de Nova York mergulhando como um cabo de uma ponte e novamente ascendendo para transformar-se na parte alta da cidade, tornada sagrada por diademas de luz espumosa, suspensa nas estrelas.

“Não sei qual é o meu problema” Evelyn soluçou. “Eu choro tanto ultimamente. Talvez eu tenha andado cuidando de um papagaio”.

A banda alemã começou a tocar no convés, mas a majestade impetuosa da cidade tornou a marcha algo trivial e tilintante; depois de um momento, ela se extinguiu.

“Meu Deus! É tão bonito” ela sussurrou de modo entrecortado.

Se ele não estivesse indo para o sul junto com ela, o caso provavelmente teria terminado uma hora depois, na aduana. E, quando viajavam para Washington no dia seguinte, ele se afastou, e o pai dela ficou mais próximo. Ele era apenas um americano agradável que a atraía fisicamente – algumas carícias atrás de um bote salva-vidas na escuridão. Na grade de ferro na estação de Washington, onde os caminhos deles se separaram, ela deu-lhe um beijo de adeus e esqueceu-o completamente enquanto seu trem bamboleava em direção à terra barrenta e coberta por uma floresta baixa do sul de Maryland. Cobrindo os olhos com as mãos, Evelyn olhou para o lado de fora, para os infrequentes vilarejos escuros e as luzes dispersas das fazendas. Rocktown era uma pequena estação encolhida, e lá estava seu irmão com o Ford de um vizinho – ela ficou envergonhada ao ver sua bagagem tão boa contra o estofamento destruído. Viu uma estrela que conhecia e ouviu o riso dos negros vindo da noite; a brisa era fria, mas havia nela algum cheiro que ela reconhecia – ela estava em casa.

No dia seguinte, na cerimônia no cemitério da igreja de Rocktown, a sensação de estar em um palco, de estar sendo observada, congelou o pesar de Evelyn – e então estava acabado, e o médico local estava enterrado entre uma centena de Lovejoys e Dorseys e Crawshaws. Era bom que ele estivesse sendo deixado lá, com todos os parentes ao seu redor. Depois, quando eles deram as costas ao túmulo, os olhos dela recaíram sobre George Ives, que estava um pouco distante, com o chapéu na mão. Do lado de fora do portão, ele falou com ela.

“Perdoe-me por ter vindo. Eu precisava ver se você estava bem”.

“Você não pode me levar a algum lugar agora?” ela perguntou impulsivamente. “Não consigo aguentar muito mais. Quero ir a Nova York esta noite”.

O rosto dele se entristeceu. “Tão cedo?”

“Preciso aprender muitas séries de dança novas e melhorar meu material. Você fica meio obsoleto no exterior”.

Ele a chamou naquela tarde, tão viçoso e brilhante quanto seu cupê. Quando eles partiram, ela reparou que os homens nos postos de gasolina pareciam conhecê-lo e ter por ele simpatia e respeito. Ele se encaixava na paisagem primaveril vivificante, na Maryland lendária por sua graciosidade e bravura. Ele não tinha a classe de um europeu; quase não dava a ela aquela reafirmação constante de sua beleza – às vezes passava horas inteiras parecendo nem estar consciente da presença dela.

Eles pararam mais uma vez no adro da igreja – ela trouxera uma grande braçada de flores para deixar como uma última oferenda no túmulo do pai. Deixando-o no portão, ela entrou.

As flores se espalharam na terra marrom e irregular. Ela não tinha mais vínculos lá e não sabia mais se voltaria. Ela se ajoelhou. Esses mortos, ela os conhecia a todos, seus rostos castigados pelo tempo, com olhos azuis flamejantes e rígidos, seus corpos magros e impetuosos, suas almas feitas da terra nova na escuridão extensa e dominada por florestas do século XVII. Minuto a minuto o feitiço crescia sobre ela até que se tornou difícil voltar para o velho mundo onde ela jantara com reis e príncipes, onde seu nome, em letras de meio metro de altura, provocara a curiosidade da noite. Um verso de William McFee irrompeu dentro dela:

Ó, leal coração que por mim tanto se pôs a labutar
Desperdiço os meus anos velejando por todo o mar

As palavras a libertaram – ela despertou de repente e sentou-se sobre os calcanhares, chorando.

Quanto tempo ficaria ela não sabia; as flores tinham se tornado invisíveis quando uma voz chamou seu nome no adro e ela se levantou e enxugou os olhos.

“Estou indo”. E depois: “Adeus, então, Pai, todos os meus pais”.

George a ajudou a subir no carro e pôs um manto ao redor dela. Depois, ele tomou um longo gole do uísque no seu cantil.

“Beije-me antes de partirmos”, ele disse de repente.

Ela ergueu o rosto na direção dele.

“Não, me beije de verdade”.

“Agora não”.

“Você não gosta de mim?”

“Não estou com vontade, e meu rosto está sujo”.

“Como se isso importasse”.

A persistência dele a aborreceu.

“Vamos continuar” ela disse.

Ele pôs o carro em marcha.

“Cante uma canção para mim”.

“Agora não, não estou com vontade”.

Ele dirigiu rápido por meia hora – e então parou sob o abrigo de árvores densas.

“Hora de um novo drinque. Não acha que é melhor tomar um – está esfriando”.

“Você sabe que eu não bebo. Beba você”.

“Se você não se importa”.

Depois de tomar um gole, ele virou-se para ela novamente.

“Acho que você poderia me beijar agora”.

Mais uma vez ela o beijou obedientemente, mas ele não ficou satisfeito.

“Quero dizer, de verdade” ele repetiu. “Não fique distante desse modo. Você sabe que eu estou apaixonado por você, e você diz que gosta de mim”.

“Claro que gosto” ela disse, impaciente “mas há momentos e momentos. Esse não é um deles. Vamos continuar”.

“Mas eu pensei que gostasse de mim”.

“Não gostarei se você agir dessa maneira”.

“Então não gosta de mim”.

“Ah, não seja absurdo” ela explodiu. “É claro que gosto de você, mas quero chegar a Washington”.

“Temos muito tempo”. E, então, quando ela não respondeu. “Beije-me uma vez antes de partirmos”.

Ela ficou irritada. Se gostasse menos dele, poderia, rindo, tê-lo tirado daquele humor. Mas não havia riso nela – somente um desgosto crescente pela situação.

“Bem”, ele disse com um suspiro “este carro é muito teimoso. Ele se recusa a arrancar até que você me beije”. Ele pôs a mão na dela, mas ela a puxou.

“Olhe aqui”. Sua irritação foi para suas bochechas e sua testa. “Se tinha uma coisa que você poderia fazer para estragar tudo, era exatamente isso. Achei que as pessoas só agissem assim nos desenhos animados. É tão completamente bruto e” – ela buscou uma palavra – “e *americano*. Você só se esqueceu de me chamar de *baby*”.

“Ah”. Um minuto depois, ele ligou o motor e depois o carro. As luzes de Washington eram um borrão vermelho contra o céu.

“Evelyn” ele disse depois de um tempo. “Não consigo pensar em nada mais natural do que eu querer beijá-la, eu –”

“Ah, foi tão desajeitado” ela interrompeu. “Um copo de uísque e então você me diz que não ligaria o carro a menos que eu o beijasse. Não estou acostumada com esse tipo de coisa. Os homens sempre me trataram com a maior delicadeza. Homens foram chamados para duelos só por me encarar em um cassino – e então você, de quem eu gosto tanto, tenta uma coisa dessas. Não suporto –” E ela repetiu mais uma vez, amargamente. “É tão americano”.

“Bem, não tenho nenhum sentimento de culpa quanto a isso, mas desculpe-me se eu a aborreci”.

“Você não vê?” ela questionou. “Se eu quisesse beijá-lo, teria encontrado um jeito de deixa-lo saber”.

“Sinto muitíssimo” ele repetiu.

Eles jantaram no bufê da estação. Ele a deixou na porta de seu vagão Pullman.

“Adeus” ela disse, dessa vez com frieza. “Obrigada por uma viagem extremamente interessante. Ligue quando estiver em Nova York”.

“Como isso é bobo” ele protestou. “Você não vai nem ao menos me dar um beijo de despedida”.

Naquele momento ela realmente não queria e hesitou antes de inclinar-se ligeiramente para frente no degrau. Mas desta vez ele recuou.

“Esqueça” ele disse. “Eu entendo como se sente. Eu a verei quando for a Nova York”.

Ele tirou o chapéu, curvou-se educadamente e se afastou. Sentindo-se muito sozinha e perdida, Evelyn entrou no vagão. Isso era o que acontecia quando se conhecia pessoas em barcos, ela pensou, mas continuou se sentindo estranhamente só.

II

Ela escalou uma rede de aço, concreto e vidro, caminhou sob uma cúpula alta e ecoante e saiu em Nova York. Ela era parte da cidade antes mesmo de chegar ao hotel. Quando viu a correspondência esperando por ela e flores por toda a sua suíte, teve certeza de que queria viver e trabalhar aqui, com essa grande corrente de empolgação fluindo através dela do amanhecer ao anoitecer.

Em dois dias ela estava passando várias horas da manhã exercitando músculos negligenciados, uma hora aprendendo passos novos de sapateado com Joe Crusoe, e fazendo um tour pela cidade para observar todos os artistas que tinham algo de novo.

Ela também estava ponderando sobre as perspectivas para seu próximo trabalho. Em segundo plano estava a possibilidade de ir a Londres como uma das protagonistas de uma peça de Gershwin que estava sendo encenada em Nova York. Contudo, havia nisso um ar de

repetição. Nova York a empolgava e ela queria conseguir algo lá. Era difícil – ela tinha poucos seguidores na América, o show business passava por um momento ruim – depois de um tempo, o agente apresentou a ela diversas ofertas para peças que começariam a ser ensaiadas no outono. Nesse meio tempo, ela estava começando e se endividar, e era conveniente que quase sempre houvesse homens para leva-la para jantar e ao teatro.

Março passou voando. Evelyn aprendeu passos novos e se apresentou em meia dúzia de eventos beneficentes; a temporada estava chegando ao fim. Ela pechinchava com os costumeiros jovens empresários que queriam “construir algo em torno dela”, mas que pareciam nunca ter o dinheiro, o teatro e o material ao mesmo tempo. Uma semana antes de precisar se decidir quanto à oferta inglesa, ela teve notícias de George Ives.

Ela teve notícias diretas, na forma de um telegrama anunciando sua chegada, e indiretas, na forma de um comentário de seu advogado quando ela mencionou o fato a ele. Ele assobiou.

“Mulher, você capturou George Ives? Você não precisa mais de trabalho nenhum. Muitas garotas gastaram os sapatos correndo atrás dele”.

“Ora, qual é o motivo de sua fama?”

“É rico como Crespo – é o jovem advogado mais esperto do Sul, e agora estão tentando fazê-lo se candidatar a governador de seu estado. Nas horas vagas ele é um dos melhores jogadores de polo da América”.

Evelyn assobiou.

“Isso é novidade” disse ela.

Ela estava surpresa. Seus sentimentos em relação a ele subitamente mudaram – tudo que ele havia feito começou a ganhar significado. Impressionou-a que, enquanto ela havia lhe contado tudo sobre sua figura pública, ele não havia deixado transparecer nada sobre a sua. Agora ela se lembrava de vê-lo falando com alguns repórteres no cais.

Ele apareceu, gentil e entusiasmado, num dia ameno e marcante. Ela tinha um compromisso na hora do almoço, mas depois disso ele a buscou no Ritz e eles foram ao Central Park. Quando ela enxergou, numa nova revelação, seus olhos agradáveis e a boca que mostrava o quanto ele era duro consigo mesmo, os sentimentos dela em relação a ele mudaram – ela disse que estava arrependida daquela noite.

“Eu não desaprovei o que você fez, mas a maneira como fez” ela disse. “Foi tudo esquecido. Vamos ser felizes”.

“Tudo aconteceu tão de repente” ele falou. “Foi desconcertante olhar para cima em um barco e de repente enxergar a garota que você sempre quis”.

“Foi bom, não é?”

“Eu achava que algo tão parecido com uma flor não precisava ser respeitado. Mas isso era mais um motivo para tratá-la com gentileza”.

“Que belas palavras” ela o provocou. “Se continuar assim, vou me jogar embaixo das rodas do táxi”.

Ah, ela gostava dele. Eles jantaram juntos e foram ver uma peça, e, no táxi voltando para o hotel dela, ela olhou para ele e esperou.

“Você cogitaria se casar comigo?”

“Sim, eu cogitaria me casar com você”.

“É claro que, se casasse comigo, nós moraríamos em Nova York”.

“Me chame de Mickey Mouse” disse ela de repente.

“Por quê?”

“Não sei – foi divertido quando você me chamou de Mickey Mouse”.

O táxi parou no hotel dela.

“Não quer entrar e conversar um pouco?” ela perguntou. Seu corpete estava apertado contra o coração.

“Minha mãe está aqui em Nova York comigo, e eu prometi que iria vê-la”.

“Ah”.

“Gostaria de jantar conosco amanhã à noite?”

“Pode ser”.

Ela correu para dentro, subiu para o quarto e ligou o fonógrafo.

“Ah, Deus, ele vai me respeitar” pensou ela. “Ele não sabe nada sobre mim, não sabe nada sobre as mulheres. Ele quer fazer de mim uma deusa, e eu quero ser o Mickey Mouse”. Ela foi até o espelho, balançando-se suavemente diante dele.

Lady, play your mandolin.

*Lady let the tune begin.*³

Quando foi ver seu agente na manhã seguinte, ela encontrou Eddie O’Sullivan.

“Já está casada?” ele questionou. “Já o viu outra vez?”

“Eddie, eu não sei o que fazer. Acho que estou apaixonada por ele, mas estamos sempre em descompasso um com o outro”.

“Leve-o pela mão”

“Isso é justamente o que eu não quero fazer. Eu é que quero ser levada pela mão”.

“Bom, você está com vinte e seis anos – está apaixonada por ele. Por que não se casa? A temporada não está boa”.

“Ele é tão americano” ela respondeu.

“Você morou no exterior por tanto tempo que não sabe o que quer”.

“É tarefa do homem me fazer ter certeza”.

Foi num estado de revolta contra o que ela sentia que seria uma inspeção que marcou um encontro para depois, à meia-noite, ir assistir ao filme de Chaplin com dois outros homens – “porque eu o assustei em Maryland e ele só me deixa educadamente na porta”. Ela tirou todos os vestidos do guarda-roupa e, desafiadoramente, escolheu um chocante, da Vionnet; quando George mandou chamá-la às sete, ela o intimou a subir à sua suíte e mostrou-o a ele, em parte esperando que protestasse. “Não preferiria que eu fosse como uma menina do convento?”

“Não mude nada. Eu a venero”.

Mas ela não queria ser venerada.

Ainda estava claro no lado de fora, e ela gostou de estar ao lado dele no carro. Ela sentia-se bem disposta e jovem sob a seda viçosa – ficaria contente de viajar com ele para sempre, se apenas tivesse certeza de que estavam indo a algum lugar.

A suíte no Plaza os envolveu; lâmpadas foram acesas na sala.

“Nós realmente somos quase vizinhas em Maryland” disse a Senhora Ives. “Seu nome é conhecido no condado de St. Charles, e tem uma bela casa antiga que se chama Lovejoy Hall. Por que você não a compra e restaura?”

“Não há dinheiro na família” disse Evelyn de forma direta. “Eu sou a única esperança, e atrizes nunca guardam dinheiro”.

Quando o outro convidado chegou, Evelyn se sobressaltou. De todas as sombras de seu passado – o Coronel Cary. Ela queria rir, ou então se esconder – por um instante se perguntou se isso teria sido planejado. Mas ela viu na surpresa dele que era impossível.

“Encantado de vê-la novamente” ele disse simplesmente.

3 N.T.: *Lady play your mandolin!* foi o primeiro de uma série de curtas animados chamada *Merrie Melodies*, da Warner Bros. Foi lançado em agosto de 1931.

Quando eles sentavam à mesa, a Senhora Ives observou:

“A senhorita Lovejoy é da nossa parte de Maryland”.

“Entendo”. O Coronel Cary olhou para Evelyn com o equivalente a uma piscadela. A expressão dele a incomodou, e ela corou. Ele evidentemente não sabia nada a respeito do sucesso dela nos palcos e lembrava-se apenas de um episódio ocorrido seis anos antes. Quando champanhe foi servido, ela deixou que um garçom enchesse sua taça para que o Coronel Cary não achasse que ela estava fazendo o papel de alguém pouco sofisticada.

“Achei que você era abstinência” George comentou.

“Eu sou. Esse é aproximadamente o terceiro drinque que eu bebo na vida”.

O vinho pareceu esclarecer as coisas; ele a fez enxergar a necessidade de antecipar o que o Coronel poderia dizer aos Ives mais tarde. Sua taça foi preenchida novamente. Um pouco depois, o Coronel Cary deu-lhe uma oportunidade quando perguntou:

“O que esteve fazendo nesses anos todos?”

“Estou no teatro”. Ela se virou para a Senhora Ives. “O Coronel Cary e eu nos conhecemos nos meus tempos mais difíceis”.

“É mesmo?”

O rosto do Coronel corou, mas Evelyn continuou firme:

“Durante dois meses eu fui o que se costumava chamar de ‘acompanhantes’.

“Uma acompanhante?” repetiu a Senhora Ives, confusa.

“É um fenômeno nova-iorquino” disse George.

Evelyn sorriu para o Coronel. “Eu costumava achar engraçado”.

“Sim, muito engraçado” ele disse.

“Eu e outra garota tínhamos acabado de sair da escola e decidimos entrar para o teatro. Ficávamos esperando nas agências e escritórios durante meses, e tinha dias em que nós literalmente não tínhamos o suficiente para comer”.

“Que horror” disse a Sra. Ives.

“Então alguém nos falou sobre as ‘acompanhantes’. Homens de negócios com clientes vindos de fora da cidade às vezes queriam oferecer momentos incríveis a eles – cantoria e dança e champanhe, coisas do tipo, fazer com que eles se sentissem como sujeitos comuns vendo Nova York. Alugavam uma sala em um restaurante e convidavam uma dúzia de acompanhantes. Era exigido apenas ter um bom vestido de noite, sentar ao lado de um homem de meia idade por duas horas e rir de suas piadas e talvez dar nele um beijo de boa noite. Às vezes você encontrava uma nota de cinquenta dólares no seu guardanapo quando sentava à mesa. Soa horrível, não é – mas foi uma salvação para nós naqueles três meses horrorosos”.

Um silêncio havia se instalado, tão curto quanto são curtos os segundos, mas tão pesado que Evelyn o sentiu sobre os ombros. Ela sabia que o silêncio vinha de algum lugar nas profundezas do coração da Senhora Ives, que esta estava envergonhada por ela e que sentia que o que ela havia feito na luta pela sobrevivência era indigno de uma mulher. Naqueles mesmos segundos, ela sentiu o Coronel rindo maliciosamente atrás de seu bigode inosso, sentiu as rugas ao lado dos olhos de George se retesando.

“Deve ser extremamente difícil começar no teatro” disse a Senhora Ives. “Conte-me – você atuou principalmente na Inglaterra?”

“Sim”.

O que ela havia dito? Somente a verdade e toda a verdade, a despeito do velho homem olhando-a com malícia. Ela bebeu de um gole só a taça de champanhe.

George falou rapidamente por baixo do rugido da conversa do Coronel: “Não é muito champanhe, se não está acostumada?”.

Subitamente ela o enxergou como um homem dominado pela mãe; suas reminiscências sinceras o haviam escandalizado. As coisas eram diferentes para uma garota

vivendo por conta própria, e ele deveria ao menos perceber que era mais sensato do que deixar que o Coronel Cary fizesse insinuações sombrias mais tarde. Mas ela recusou mais champanhe.

Depois do jantar ela sentou com George ao piano.

“Suponho que não deveria ter dito aquilo no jantar” ela sussurrou.

“Bobagem! Minha mãe sabe que tudo mudou nos dias de hoje”.

“Ela não gostou” Evelyn insistiu. “E quanto àquele velho que se parece com um desenho de Peter Arno!”

Por mais que tentasse, Evelyn não conseguia se livrar da impressão de que certo desprezo havia sido colocado sobre ela. Ela estava acostumada a ver apenas aprovação e admiração ao seu redor.

“Se você precisasse escolher de novo, escolheria o teatro?” a Senhora Ives perguntou.

“É uma vida agradável” Evelyn disse enfaticamente. “Se eu tivesse filhas talentosas, escolheria essa vida para elas. Eu certamente não iria querer que fossem garotas da alta sociedade”.

“Mas não podemos todos ter talento” disse o Coronel Cary.

“E, é claro, a maioria das pessoas tem os preconceitos mais mirabolantes contra o teatro” continuou Evelyn.

“Não tanto nos dias de hoje” disse a Senhora Ives. “Tantas boas meninas vão para o teatro”.

“Garotas com posição social” acrescentou o Coronel Cary.

“Elas não costumam durar muito” disse Evelyn. “Toda vez que uma debutante decide deslumbrar o mundo há um fiasco a espera na Broadway. Mas o que me deixa mais irritada é o modo como as pessoas são condescendentes. Lembro de uma temporada na estrada – todas as lideranças sociais das cidadezinhas nos convidando para ir a festas e depois sussurrando e dando risadinhas pelos cantos. Dando risadinhas de Gladys Knowles!” A voz de Evelyn ressoou com indignação. “Quando Gladys vai à Europa, ela janta com as pessoas mais proeminentes de cada país, pessoas que nem sabem que esses líderes sociais interioranos existem –”

“Ela janta com as esposas deles também?” perguntou o Coronel Cary.

“Com as esposas também”. Ela dirigiu um ríspido olhar de relance para a Senhora Ives. “As garotas do teatro não se sentem nem um pouco inferiores, e as pessoas realmente modernas nem pensam em tratá-las com condescendência”.

O silêncio estava lá novamente, mais pesado e mais profundo, mas dessa vez, agitada pelas próprias palavras, Evelyn não tinha consciência dele.

“Ah, são as mulheres americanas” ela disse. “Quanto menos elas têm a oferecer, mais implicam com quem tem”.

Ela respirou fundo, sentia que a sala a sufocava.

“Receio que precise ir agora” ela disse.

“Eu levo você” disse George.

Estavam todos de pé. Ela apertou mãos. Gostava da mãe de George, que, no fim das contas, não fizera nenhuma tentativa de ser condescendente com ela.

“Foi muito agradável” disse a Senhora Ives.

“Espero que nos encontremos em breve. Boa noite”.

Com George no táxi, ela deu o endereço de um cinema na Broadway.

“Tenho um encontro” ela confessou.

“Entendo”.

“Nada de muito importante”. Ela olhou de relance para ele, e colocou sua mão na dele. Por que ele não pediu que ela cancelasse o encontro? Mas ele apenas disse:

“É melhor ele ir pela Rua Quarenta e Cinco”.

Ah, bem, talvez o melhor para ela fosse voltar para a Inglaterra – e ser o Mickey Mouse. Ele não sabia nada sobre as mulheres, sobre o amor, e para ela isso era o pecado imperdoável. Mas por que, com uma determinada expressão no rosto e sob as luzes da rua, ele a lembrava do pai?

“Não quer ver o filme?” ela sugeriu.

“Estou me sentindo um pouco cansado – vou dormir”.

“Vai me ligar amanhã?”

“Certamente”.

Ela hesitou. Alguma coisa estava errada, e ela odiava deixá-lo. Ele a ajudou a descer do táxi e pagou por ele.

“Vem conosco?” ela perguntou quase ansiosamente. “Escute, se você quiser –”

“Eu vou caminhar um pouco!”

Ela avistou os homens esperando por ela e acenou para eles.

“George, tem algo de errado?” ela disse.

“É claro que não”.

Ele nunca parecera tão atraente, tão desejável. Quando os amigos dela se aproximaram, dois atores, parecendo peixes muito pequenos em comparação com George, ele tirou o chapéu e disse:

“Boa noite. Espero que gostem do filme”.

“George –”

– e uma coisa curiosa aconteceu. Pela primeira vez, ela compreendeu que seu pai estava morto, que ela estava sozinha. Ela pensara que era autossuficiente, ganhando mais em algumas temporadas do que a clínica dele trazia em cinco anos. Mas ele sempre estivera em algum lugar dando apoio, o amor dele sempre a apoiara – ela nunca fora uma filha desamparada, sempre teve um lugar para onde ir.

E agora ela estava sozinha, sozinha no turbilhão da multidão indiferente. Ela esperava amar este homem, que lhe oferecia tanto, com o romantismo ingênuo dos dezoito anos? Ele a amava – ele a amava mais do que qualquer um no mundo a amava. Ela nunca seria uma grande estrela, sabia disso, e tinha chegado à época em que uma garota precisa cuidar de si mesma.

“Escute” ela disse. “Eu preciso ir. Espere – ou não espere”.

Segurando seu vestido longo, ela acelerou pela Broadway. A multidão era enorme conforme teatro após teatro movia-se em redemoinho até a calçada. Procurou pelo chapéu de seda dele, mas agora havia muitos chapéus. Ela sondava freneticamente os grupos e multidões conforme corria. Uma voz insolente a chamou, e mais uma vez ela estremeceu com a sensação de estar desprotegida.

Ao chegar à esquina, perscrutou sem esperanças a multidão desordenada no quarteirão à frente. Mas ele provavelmente havia saído da Broadway, e ela disparou para a esquerda, descendo o beco mais escuro da Rua Quarenta e Oito. E então ela o viu, caminhando rapidamente, como um homem que deixava algo para trás – e o alcançou na Sexta Avenida.

“George” ela gritou.

Ele se virou; o rosto dele, olhando para ela, era rígido e infeliz.

“George, eu não queria ir ver aquele filme, eu queria que você me fizesse não ir. Por que não me pediu para não ir?”

“Não me interessava se você ia ou não”.

“Não?” ela gritou. “Você não gosta mais de mim?”

“Quer que eu chame um táxi para você?”

“Não, eu quero ficar com você”.

“Eu vou para casa”.

“Vou caminhar com você. O que foi, George? O que eu fiz?”

Eles atravessaram a Sexta Avenida e a rua ficou mais escura.

“O que foi, George? Por favor, me fale. Se fiz algo de errado na sua mãe, por que você não me deteve?”

Ele parou repentinamente.

“Você era nossa convidada” ele disse.

“O que eu fiz?”

“Não há por que falar nisso”. Ele fez sinal para um táxi que passava. “É bastante óbvio que nós pensamos diferente. Eu ia escrever para você amanhã, mas já que perguntou, podemos terminar isso hoje mesmo”.

“Mas por que, George?” Ela disse em voz chorosa: “O que eu fiz?”.

“Você fez um esforço fora do comum para fazer um ataque absurdo a uma velha senhora que a havia tratado apenas com cortesia e consideração”.

“Oh, George, não foi isso. Eu irei pedir desculpas a ela. Irei esta noite”.

“Ela não entenderia. Nós simplesmente enxergamos as coisas de jeitos diferentes”.

“Oh—h-h.” Ela ficou consternada.

Ele começou a dizer mais alguma coisa, mas, depois de um breve olhar na direção dela, abriu a porta do táxi.

“São só dois quarteirões. Você me perdoará se eu não a acompanhar”.

Ela havia se virado e estava agarrada ao corrimão de ferro de uma escada.

“Vou em um minuto” ela disse. “Não espere”.

Ela não estava atuando agora. Ela queria estar morta. Estava chorando pelo pai, disse a si mesma – não por ele, mas pelo pai.

Os passos dele se afastaram, pararam, hesitaram – voltaram.

“Evelyn”.

A voz dele estava perto, ao lado dela.

“Oh, pobrezinha” disse a voz. Ele a virou gentilmente em seus braços e ela se agarrou a ele.

“Ah, sim” ela exclamou com enorme alívio. “Pobrezinha – sua pobrezinha”.

Ela não sabia se isso era amor ou não, mas sabia, com todo o coração e a alma, que queria se esconder dentro do seu bolso e ficar protegida para sempre.

Referências

CHURCHWELL, Sarah. A Willingness of the Heart: F. Scott Fitzgerald's Forgotten Fiction. In: FITZGERALD, F. Scott; _____ [Editora]. *Forgotten Fitzgerald: Echoes of a Lost America*. Londres: Abacus, 2014.

COWLEY, Malcolm. A Book of Last Things. *The New York Times*. Nova York. 4 março 1979. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/books/00/12/24/specials/fitzgerald-price.html>>. Acesso em: 2 out. 2015

FITZGERALD, F. Scott. Home to Maryland. In: _____; CHURCHWELL, Sarah [Editora]. *Forgotten Fitzgerald: Echoes of a Lost America*. Londres: Abacus, 2014.

_____. My Lost City. In: _____; WILSON, Edmund [Editor]. *The Crack-up*. Nova York: New Directions Books, 2003.

_____. *Tender is the Night*. Adelaide: eBooks @ Adelaide, 2006. Disponível em: <https://ebooks.adelaide.edu.au/f/fitzgerald/f_scott/tender/>. Acesso em: 25 dez. 2012. Ebook.